

PODER, RACISMO RELIGIOSO E DECOLONIALIDADES NO INSTAGRAM: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO

Alan Eugênio Dantas Freire (UFRN)

alandfreire@gmail.com

Guianezza M. Góis Saraiva Meira (UERN)

guianeezasaraiva@uern.br

Danielle Brito da Cunha (UFRN)

professoradanibrito@gmail.com

Enquanto consequência de um projeto de civilidade atrelado à cultura e civilização europeias, dentro das dinâmicas da colonização, as religiões de matriz africana sempre estiveram em uma posição de luta por liberdade na sociedade brasileira. Nesse ínterim, percebe-se, claramente, o reverberar de práticas discursivas históricas contra o povo negro, fruto da hegemonia do sentimento ocidental na produção de saberes e de regimes de verdade (FOUCAULT, 2007) que não necessariamente nascem na interação *on-line*, mas que, nela, encontram especial espaço de profusão. A construção do estigma dos povos de terreiro nas redes, norteadas por uma normalidade branca e cristã, apoia-se na demonização de entidades, o que também se manifesta no epistemicídio negro e na colonialidade dos saberes de África. No entanto, frente a esse movimento estigmatizador, há um pulsar de decolonialidade (ESCOBAR, 2003; FANON, 2008). Nesse sentido, o problema desta pesquisa assim se coloca: como as materialidades discursivas produzidas por *memes* veiculados no *Instagram* elaboram o estigma dos povos de terreiro e, por outra voz, inscrevem uma ordem de decolonialidade na produção de saberes da referida comunidade? A partir das características do *meme*, analisamos as materialidades discursivas que o constituem, sob a ótica da análise do discurso foucaultiana, permitindo a compreensão das relações de poder na constituição do racismo religioso na elaboração do carrego colonial e, por outro lado, um movimento de decolonialidade, na tentativa de instituir uma nova ordem identitária, utilizando-se do humor para a afirmação da devoção e das práticas ritualísticas.

Palavras-chave:

Decolonialidade. *Instagram*. Racismo Religioso.